



O INÍCIO DO ENSINO SUPERIOR EM CAMPINA GRANDE-PB: UMA POSSIBILIDADE DE HISTÓRIA DE ELITES (1945-1952)

RAFAEL PORTO RIBEIRO*

JOSÉ VALMI OLIVEIRA TORRES*

RESUMO

O presente trabalho é um dos resultados da pesquisa realizada pelo Projeto Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande – UFCG, que procura estudar o percurso do desenvolvimento científico-tecnológico na cidade de Campina Grande – PB. Esse percurso obrigatoriamente passa pela primeira instituição de ensino superior a se consolidar na cidade, a Escola Politécnica da Paraíba, criada em 1952, que deu origem à Universidade Federal da Paraíba – Campus II em 1975 e à Universidade Federal de Campina Grande a partir 2002. Fruto de um projeto desenvolvimentista idealizado por grupos proeminentes da sociedade campinense, a Escola Politécnica fundaria uma cultura de ciência, tecnologia e inovação na cidade e seria apenas um dos vários projetos desse grupo para a cidade, que também articulou para o espaço urbano a criação de uma faculdade pública de economia e uma bolsa de valores para o comércio local. Desejosos de uma instituição capaz de oferecer o ensino superior para os jovens da cidade, cidadãos articulados com o cenário político em Campina Grande se reúnem para discutir projetos educacionais que, segundo eles próprios, beneficiassem a economia campinense, optando por criar uma Escola Politécnica, que inicialmente ofereceria o curso de Engenharia Civil. Desde o início de suas atividades, a Escola Politécnica figurou na mídia local, com reportagens enfatizando as vantagens trazidas pela instituição para a cidade. Este trabalho procura discutir a possibilidade de um estudo sobre os grupos que idealizaram a Escola Politécnica através da ótica da história de elites, identificando os personagens que se fazem influentes no cenário local. Considerando a produção acadêmica sobre o período e o espaço em questão, nota-se uma ausência no estudo sobre tais grupos, poucos explorados pelos estudos sobre a cidade de Campina Grande que se propõem a estudar os caminhos da cidade durante a primeira metade do século XX. Procuramos contribuir para a história e historiografia da cidade de Campina Grande através da possibilidade de análise desses grupos mais abastados da sociedade campinense, analisando a formação e consolidação desses grupos no contexto urbano, identificando os personagens e seus projetos e relacionando a influência que esses grupos e projetos tiveram nos rumos tomados pela cidade.

Palavras-chave: História de Elites, Escola Politécnica, Memória.

* Licenciado em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG e mestrando pelo Programa de Pós Graduação em História – PPGH/UFCG. Bolsista CAPES/DS.

* Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.



Campina Grande, situada no interior da Paraíba, é uma cidade cujo panorama econômico está diretamente relacionado com a posição geográfica estratégica que, somada às particularidades históricas de comercialização de produtos agrícolas, especialmente o algodão, possibilita o desenvolvimento das práticas comerciais no município. Essas particularidades contribuíram para atrair para Campina Grande significativo contingente populacional vindo de outras cidades do Estado da Paraíba e, também, de outros Estados da região, em busca de progresso e prosperidade econômica.

A partir do começo do século XX, Campina Grande passa por um período de crescimento populacional acelerado, devido a fatores como o acesso facilitado à água, se comparado as cidades circunvizinhas, ou a inserção da cidade no mapa das vias ferroviárias no Nordeste, com a abertura de uma estação de trens em 1907. A partir de então, Campina passa a figurar no cenário regional como entreposto comercial, sendo considerado um ponto de parada obrigatória para os comerciantes em trânsito.

É durante esse período que o comércio de algodão passa a ser a principal atividade econômica do município, transformando a cidade em polo de vendas desse artigo agrícola e trazendo consigo outras atividades relacionadas, como o beneficiamento do algodão e o processamento de couro. A constante prática comercial atrai negociadores, que se fixam em Campina Grande e constroem galpões e armazéns para estocar seus produtos, nas ruas centrais, além de erguerem solares em ruas paralelas; esses galpões se farão presente no cenário urbano até os anos de 1930-1940, quando a proposta de reforma urbana pensada pelo gabinete de Vergniaud Wanderley² prevê a remoção dos armazéns nas ruas centrais para o alargamento destas e a criação de novas avenidas arborizadas.

A reforma de cunho higienista e urbanista proposta por Wanderley afetou diretamente toda a população que vivia seu cotidiano no centro da cidade, e foi sentida não só pela população carente, expulsa dos cortiços (cujas origens são remontadas até o êxodo rural no interior nordestino dos anos de 1920) e tendo suas moradas derrubadas, mas também pela população de maior poder aquisitivo, que também perdia suas propriedades e seus principais palcos de teatralização do poder (SOUSA, 2003) sem a possibilidade de indenização.

Ao se falar de Campina Grande pós-Vergniaud, eventualmente cita-se uma “elite intelectual”, um grupo responsável pela execução de projetos políticos e pelo desenvolvimento

² Vergniaud Borborema Wanderley foi prefeito de Campina Grande em duas oportunidades: de 1935 até 1938, e de 1940 até 1945. Nas duas ocasiões, pôs em prática um processo de reforma urbana higienista nos moldes das reformas ocorridas em grandes cidades no Brasil do começo do século XX.



da cidade, mas não há maiores indicações sobre esse grupo, tampouco como efetivamente essa elite atuou durante o período. Chamou-nos a atenção esse aspecto nos trabalhos acadêmicos sobre a cidade e nas primeiras buscas que fizemos vimos que não existe estudos especificamente sobre uma elite campinense, apesar de encontrarmos menções à elite.

Durante o levantamento sobre a história de Campina Grande, nos deparamos com obras sobre a cidade durante o século XX, como o livro do Prof. Dr. Severino Cabral Filho (UFCG) intitulado “A cidade revelada: Campina Grande em Imagens e História” (2009), o artigo do prof. Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de Sousa intitulado “Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945)”, publicado na Revista Brasileira de História em 2003 e o artigo do prof. Dr. Gervácio Batista Aranha intitulado “As Estações de Trem nas Cidades do Norte Brasileiro como Símbolos de um Novo espaço-tempo (1880-1930)”, publicado em 2010 no livro “Cidades e experiências modernas” (2010) de organização do prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza (UFCG).

No livro de Cabral Filho (2009) é mencionado que a elite em Campina Grande está “preocupada com a formação da futura elite local” (p. 47), essa mesma elite “vivia um clima favorável a grandes expectativas modernizantes” (p. 48). Já Batista Aranha (2010) discute “com que cores os letrados pintaram suas representações da estação de trem em Campina Grande” (p. 143). Apesar da presença do termo, essa camada social não é objeto de estudo de nenhum dos trabalhos. O livro do prof. Dr. Alarcon Agra do Ó (UFCG) intitulado “Da cidade de pedra à cidade de papel: Projetos de educação, projetos de cidades – Campina Grande (1959)”, publicado em 2006, menciona um grupo formado por “elites” da cidade como responsáveis por projetos políticos, econômicos e educacionais a serem aplicados em Campina Grande, evidenciando a atuação desse grupo durante a história do referido município, que definem a cidade como “uma cidade que se tornava a cada dia mais importante e próspera” (p. 17), mas sem uma definição clara do termo.

Um maior enfoque dado à elite campinense é encontrado no artigo de Sousa (2003) onde um dos objetivos é analisar a reforma urbana que iniciou em 1930 em Campina Grande e a reação da população mais abastada. Ainda assim, trata-se de um trabalho sobre a recepção da população às mudanças na cidade, não se preocupando em definir ou problematizar o conceito usado de elite.

O caráter mais “universalista” dessa reforma urbana, em dissonância com as reformas urbanas nas grandes cidades do país, torna possível a compreensão de como os comerciantes, junto com lideranças políticas discordantes da reforma, além dos demais habitantes da cidade



reagiram às mudanças, inclusive as que trouxeram reveses. A respeito dessa reforma urbana em Campina Grande, Sousa (2003) afirma:

Era uma medida que atingia diversas ruas, mas que teve maior repercussão ao ser implantada na Rua Maciel Pinheiro. A Rua Grande, ou Maciel Pinheiro, era o epicentro de Campina Grande. Nela morava a maior parte da elite política, proprietária e comercial da cidade, até pelo menos meados dos anos [de 19]30 (...). Esse território da cidade conheceu o seu algoz no final de 1935. (...). (SOUSA, p.68. 2003).

Os comerciantes, cujas atividades representavam a maior parte da arrecadação tributária da cidade, adquiriram prestígio com a sociedade local ao se fazerem presentes frequentemente no espaço urbano de Campina Grande. Ocasionalmente, também se envolveram nos embates políticos decorridos de campanhas eleitorais, até então protagonizados pelas representações oligárquicas, aumentando sua representatividade no cenário político. Para o autor, os comerciantes que se fixaram na cidade integravam uma elite dentro da sociedade campinense.

Apesar do prejuízo adquirido com a reforma, os comerciantes continuam com suas atividades na cidade, participando efetivamente mais da vida política campinense e dinamizando suas práticas comerciais, negociando além do algodão, produtos das primeiras fábricas instaladas - como vestimentas de algodão e calçados de couro – e da agricultura local – como hortaliças, laticínios e carne.

As representações políticas na cidade passam a refletir a influência desses comerciantes, responsáveis pela atividade econômica mais importante para Campina Grande naquele momento. Durante as décadas que se seguiram a reforma urbana, a camada da população agrupada na categoria de “comerciantes e profissionais liberais³” já se fazia presente no cenário político local.

A formação da câmara municipal campinense para o período de 1951 até 1955 é exemplo dessa organização, sendo composta em sua maioria por vereadores oriundos dessa camada populacional:

³ De acordo com a Confederação Nacional de Profissões Liberais (CNPL), é considerado um profissional liberal aquele que, com nível técnico ou superior, possa exercer sua profissão em total liberdade, ainda que em um vínculo empregatício. Nessa categoria, encaixam-se profissionais como: médico, advogado, jornalista, engenheiro etc. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/economia/o-que-e-ser-profissional-liberal-acctuzvohck8guj1ptxpgdff2> acesso em 10 mar. 16 às 06:55.



Vereador	Partido (sigla)
Américo Porto	UDN
Antônio Cabral Sobrinho	PL
Bonald Filho	PSB
Dulce Barbosa	UDN
Félix Araújo	PL
Gumercindo Dunda	UDN
Luiz Pereira da Silva	PL
Manoel Figueiredo	UDN
Pedro Sabino	PSD
Petrônio Figueiredo	UDN
Protásio Ferreira	PL
Zoroastro Coutinho	PSD

Tabela 1: Relação dos vereadores da cidade de Campina Grande durante o mandato de 1951-1955.

Na formação da vereança de Campina Grande percebe-se a presença majoritária de representantes vinculados à União Democrática Nacional (UDN)⁴, partido que era chefiado por oligarquias rurais e suas cúpulas. Em uma tentativa de reforçar a participação política na cidade, o partido procurou lançar, além de seus líderes rurais - como o Coronel Américo Porto,

⁴ A UDN foi um partido fundado em 1945, definindo-se como conservador e oposição à Getúlio Vargas e o populismo. Defendia uma forma de governo liberal, embasada no liberalismo clássico, e criticava a intervenção estatal no mercado. Tinha como principal liderança o jornalista Carlos Lacerda.



candidatos oriundos das classes de profissionais liberais, como o advogado Antônio Ovídio, que não alcançou os votos necessários para se eleger em 1951 (SYLVESTRE, 2004).

Rivalizando em números com a UDN, o Partido Libertador (PL), partido do então governador do estado da Paraíba, José Américo de Almeida, se faz presente no cenário político local lançando as campanhas de candidatos representantes das profissões liberais e comerciantes, como o empresário Olívio Rique, o comerciante Francisco Timóteo, que não conseguiram se eleger, e o então estudante de direito Félix Araújo. Representantes das oligarquias rurais também se fizeram presentes nas fileiras do PL, como Antônio Cabral Sobrinho, filho do coronel Severino Bezerra Cabral. A predominância, porém, continuava em torno dos candidatos identificados às ocupações urbanas (SYLVESTRE, 2004).

Esses partidos protagonizaram as mudanças políticas características do fim do primeiro governo Vargas. Fundamentados em ideais liberais, esses partidos criticavam as medidas políticas tomadas durante a ditadura do Estado Novo, enquanto apoiavam políticas de abertura econômica, questionando as práticas e ditames do populismo. Desde que Ambos os partidos saíram fortalecidos após o fim da “Era Vargas”, compondo as maiores bancadas no Congresso Nacional no decorrer da década de 1950. Juntas, essas duas forças políticas preencheram o equivalente a 75% das vagas para vereador em Campina Grande, refletindo a dominância desses partidos mesmo nos cenários marginais ao eixo Rio-São Paulo, além de evidenciar a polarização política da cidade.

O Partido Social Democrático (PSD) elegeu dois vereadores, Zoroastro Coutinho e Pedro Sabino, reconhecidos como lideranças rurais do partido. A última vaga restante foi preenchida pelo médico Bonald Filho, representando o Partido Socialista Brasileiro (PSB), partido na época encabeçado por referências das profissões liberais na cidade.

O cenário político na cidade durante o período de 1951-1955 revela a força desses grupos urbanos ao nomearem representantes de seus interesses para o governo (e os elegerem com sucesso), bem como sua dinamicidade, ao prontamente aliarem-se a grupos oligárquicos mais consolidados. Frente à polarização política da cidade e a virtual ausência de representantes das classes sociais menos favorecidas, Josué Sylvestre afirma que “as possibilidades eleitorais continuaram com os integrantes das elites políticas, econômicas e sociais da comunidade (...).” (p. 27).

Durante esse período, as chamadas “elites” de Campina Grande, cidade responsável pela maior contribuição na arrecadação e mais populosa do estado, estavam organizadas de maneira que as oligarquias rurais e seus descendentes dividiam o espaço com os personagens mais



recentes no cenário campinense: os comerciantes, banqueiros e profissionais liberais, que, devido à circulação crescente de bens e habitantes na cidade, encontram oportunidades de trabalho nessa nova convivência urbana. A partir de 1949, com a fundação da FIEP⁵ e em 1950 com a chegada do SENAI⁶ em Campina Grande, os proprietários de indústrias na cidade, agora mais organizados e propriamente representados, também se fazem presentes nessa configuração.

Apesar de esses grupos serem caracterizados⁷ como “elites de Campina Grande”, nem todos os seus integrantes eram nascidos na cidade – na realidade, a maioria dos integrantes nasceu em outras cidades, bem como os mais proeminentes (SOUSA DO Ó, 1960). Ainda assim, identificavam-se e eram identificados com esse específico cenário urbano.

Durante a segunda metade da década de 1940, o Brasil saía da ditadura do Estado Novo⁸ de Getúlio Vargas, passando por um processo de gradual abertura política. Tal processo culmina na fundação de novos partidos (ou na reabertura de partidos antigos, extintos em 1937) e em certa “renovação” das elites políticas regionais, contando inclusive com uma transição ideológica e uma reorganização interna dos grupos políticos. Sobre essa renovação, Adriano Codato afirma que:

Pode-se objetar que, com o fim do Estado Novo, esse processo [de renovação das elites regionais], se não foi natural, já era esperável, pois teria havido uma *renovação geracional* da elite: novos políticos (isto é, políticos mais jovens), em novos partidos, criados somente em 1945, justamente contra as máquinas políticas oligárquicas e depois de um longo hiato institucional. (CODATO, 2011. p. 60).

A perspectiva apresentada pelo autor infere que há uma substituição de protagonismo dentro (ou entre) das elites políticas, e que esse movimento se apresenta antagônico à ideologia anterior. Todavia, como o próprio autor deixa claro posteriormente, o processo não é necessariamente contrário à ordem existente, aproximando-se mais de um movimento de manutenção que de substituição:

Há uma troca de posições entre os grupos dominantes sem que haja nem exclusão de antigos interesses político-econômicos em nome de novos interesses, nem transformação das estruturas de dominação. (Idem, p. 63)

As mudanças ocorridas com as elites locais seguem próximas àquelas descritas por Codato: Há, de fato, uma substituição de indivíduos e de ideologias nas cúpulas políticas que

⁵ Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, entidade filiada à Confederação Nacional das Indústrias (CNI).

⁶ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, fundado em 1942 no Rio de Janeiro.

⁷ A caracterização desse grupo como elite é feita ora por historiadores, (ver: SOUSA, 2003, CABRAL FILHO, 2009 e ARANHA, 2010) ora por memorialistas, ocasionalmente se inserido no grupo (ver: LOPES, 1986, 2014, SYLVESTRE, 2004 e SOUSA DO Ó, 1960).

⁸ Regime político em vigor no Brasil de 1930 a 1945, caracterizado pela centralização do poder e repressão política.



influenciam Campina Grande, e essas mudanças foram, até onde as documentações apresentam, motivadas menos por pressão popular e mais por mobilização própria dos mais ricos, que procuravam garantir (novamente) seu espaço no centro campinense, tanto fisicamente, no tocante à reorganização de espaços que a reforma urbana acelerou ao padronizar, higienizar e secularizar o terreno de atuação desses grupos, quanto ideologicamente, ao juntarem forças políticas emergentes às forças já existentes, almejando conciliar o conservadorismo rural com os novos projetos urbanos para a política e a economia.

Essa nova elite, repensada para o novo contexto urbano campinense, também substitui (ou adapta) a mentalidade agrária por concepções que enfatizavam o incentivo à produção industrial como protagonista do desenvolvimento econômico e social de uma sociedade.

Tal concepção não se apresenta isoladamente no interior paraibano; em vez disso, o desenvolvimentismo⁹, a ideologia popular entre os intelectuais da cidade, se faz presente em projetos políticos no sudeste brasileiro, principalmente no estado de Minas Gerais, como nos informa Heloisa Helena Cardoso:

Os anos 1950 em minas gerais são marcados por projetos de desenvolvimento econômico, atrelados às propostas do governo federal para o período, voltados para uma concepção de capitalismo que almejava uma industrialização rápida, baseada em investimentos públicos e privados em infraestrutura e indústrias de base. (...) Estas políticas se apresentam sob a forma de planejamento para cada gestão, onde o Estado assume papel central como condutor da política desenvolvimentista e autor das propostas modernizantes, nas quais se incluem também as de democracia e justiça social, expressões formais da fase liberal do capitalismo. (CARDOSO, 2015, p. 149).

Em confluência, portanto, com o que pensam outras elites locais no Brasil, a elite urbana em Campina Grande vê no incentivo industrial um caminho para o progresso da cidade. Mais que isso, o discurso propagado por essa elite apresentava essa proposta como o único caminho possível, transformando em “respostas erradas” qualquer sugestão que desviasse desse caminho (AGRA DO Ó, 2007).

Esse grupo, formado pelos segmentos mais privilegiados economicamente da sociedade, pode ser elite urbana por terem em comum a vida na cidade, pois nela exerciam sua influência, além de nela também vivenciarem seu próprio cotidiano. Também será (auto) denominada uma elite intelectual, por pensarem a cidade. Discutem projetos políticos, econômicos, sociais e educacionais para serem aplicados em Campina Grande, procurando “estarem em sintonia” com o que é discutido nas grandes metrópoles do país (LOPES, 2014).

⁹ Política econômica centrada na produção industrial de base, em liberdades individuais e na extensa participação do estado como patrocinador da iniciativa privada.



Nesse sentido, é de se surpreender com a passagem da história da cidade de Campina Grande na década de cinquenta do século passado. Período em que suas elites (intelectuais, governantes, políticos e empresários) buscando solução para a superação dos problemas de atraso econômico e social do país, empreendiam o debate sobre o desenvolvimento e experimentavam ações governamentais voltadas para a viabilização do desenvolvimento, em geral medidas que mais para o crescimento econômico.

Mesmo sendo uma cidade do interior de um dos estados mais pobres do Nordeste, Campina estava antenadas com as discussões que se davam em âmbito, nos centros políticos de debate e decisões. Esse é um ponto a se destacar porque estar não somente antenada com o debate nacional sobre desenvolvimento, mas passar a empreender possibilidades de desenvolvimento fez toda diferença entre Campina Grande e demais cidades à época em condições semelhantes de dificuldades e de necessidades de progredir, dinamizar sua economia, e de se desenvolver.

Essa diferença consistia em buscar sair dessa realidade pobre do interior para se tornar uma cidade que passou a obrigar empreendimentos e trazer para si iniciativas que permitiram contribuir para o desenvolvimento em médio e longo prazo.

Dentre estas iniciativas, encontramos a criação da Escola Politécnica em 1952, oferecendo inicialmente, o curso de Engenharia Civil. Após a criação da primeira instituição de ensino superior da cidade, outras foram surgindo, a exemplos da Faculdade de Filosofia 1952, Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica em 1952, Faculdade de Serviço Social 1951, estaria em 1966 sendo criada a Universidade Regional do Nordeste (URNe).

De acordo com Lima (2009) a criação da Politécnica, cujo projeto inicial envolvia as elites da região, representou a culminância de um processo de discussão que teve a participação de técnicos, políticos e empresários. Sendo neste contexto que a cidade surge como um forte polo de disseminação científico-cultural da Paraíba.

Muitas empresas voltadas para o desenvolvimento, também foram criadas nesse período, a exemplo da SANESA (Saneamento de Campina Grande Sociedade Anônima), a Companhia Municipal de Desenvolvimento (COMUDE), o Fundo de Desenvolvimento Agro-industrial FADIN, o Banco de Fomento da Produção (BANFOP). Essas instituições foram de fundamental importância para o desenvolvimento de Campina Grande, (TORRES & MONTENEGRO, 2006).

Sede de um grande número de indústria e bancos privados, Campina Grande possuía nesse período, uma forte e influente elite comercial e financeira que percebia nos avanços



científicos e tecnológicos uma forma de aquisição e exercício do poder, ao contrário da capital João Pessoa, que possuía uma elite política e uma classe média constituída por profissionais liberais. Sendo esta diferença, possivelmente, que faria com que Campina Grande se tornar-se um polo de pensamento e difusão da ciência e tecnologia, pois o conhecimento de ensino superior tinha a função de servir a sociedade, produzindo conhecimento e fornecendo técnicos para a administração.

Houve, nesse sentido, em meio a dificuldades de carências, a reunião de pessoas idealistas, determinadas, que ao construírem a Escola Politécnica, se lançaram a descobertas de habilidades e competências que disseminaram ideias, influenciaram pessoas, que formaram engenheiros que se multiplicaram pelos órgãos públicos da região e país, participando do processo de desenvolvimento que se descortinaram no Brasil.

Em fins dos anos sessenta, a Escola Politécnica de Campina Grande já havia conquistado o status de instituição de ensino superior das mais renomadas do Brasil na formação de engenheiros civis e eletricitas, projetando para um futuro mais próximo o que ocorreria nos anos oitenta: Campina Grande como cidade polo tecnológico de reconhecimento internacional em decorrência da conquista dessa condição, a geração de riqueza e desenvolvimento para a cidade e região.

Ainda hoje, a UFCG atrai estudantes e pesquisadores de todo Brasil e até mesmo de outros países para Campina Grande contribuindo para que empresas voltadas para produção de serviços e tecnologia se instalem na cidade fazendo assim, que Campina continue sendo um polo produtor de ciência e tecnologia.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA DO Ó, Alarcon. **Da cidade de pedra à cidade de papel: projetos de educação, projetos de Cidades.** Campina Grande: EDUFCEG, 2006.

ARANHA, Gervácio Batista. **As estações de trem nas cidades do Norte brasileiro como símbolos de um novo espaço-tempo (1880-1930).** In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **Cidades e experiências modernas.** Campina Grande: Edufcg, 2010.

CABRAL FILHO, Severino **A cidade revelada: Campina Grande em Imagens e História.** 1ª ed. Campina Grande: Edufcg, 2009.

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. **Desenvolvimento e modernização nas páginas do jornal *Estado de Minas* nos anos 1950.** In: PAULA, Dilma Andrade de, CORRÊA, Maria Letícia (org.). **Intelectuais e Desenvolvimento. Perspectivas da pesquisa em história.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2015.

CODATO, Adriano. **A transformação do universo das elites no Brasil pós-1930: uma crítica sociológica.** In: HEINZ, Flávio Madureira. **História Social de Elites.** pp. 56-74. São Leopoldo: Oikos, 2011.

LOPES, Stênio. **Escola Politécnica de Campina Grande. Uma experiência de desenvolvimento no Nordeste.** Campina Grande: Tecnal, s/d.

_____. **Campina Grande e Seu Destino: Uma Cidade de Muitas Conquistas e uma Grave Ameaça.** Campina Grande: Eduepb, 2014.

SOUZA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945)** In: **Revista Brasileira de História.** v. 23, nº 46, pp. 61-92. São Paulo, 2003.

SOUZA DO Ó, Edvaldo de. Politécnica. **Primeira Escola Superior de Campina Grande.** Campina Grande: Editora Campina Grande Ltda., s/d.



SYLVESTRE, Josué. **A Trajetória Interrompida de Félix Araújo**. João Pessoa: A União, 2004.

LIMA, Rômulo de Araújo. **A luz que não se apaga – Escola Politécnica da Paraíba e a formação de um campo científico-tecnológico**. Campina Grande, EDUEPB, 2010.

TORRES, José Valmi Oliveira; MONTENEGRO, Rosilene Dias. **Escola Politécnica: construindo o imaginário de modernidade em Campina Grande através do Diário da Borborema**. 2006. <http://www.bocuff.br/pag/torres-jose-construindo-o-imaginario-de-modernidade.pdf>.